A Produção da Subjetividade sob a Lógica Neoliberal

Autor(res)

Bernadete Lema Mazzafera
Lorena Mariane Santos Rissi
Fabiola Fernanda Costa Sandes
Elaine Cristina Mateus Santos
Rosemary Inês Marcelino
Lidiane Machado

Categoria do Trabalho

Pós-Graduação

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA

Introdução

O desenvolvimento humano, à luz da teoria histórico-cultural, ocorre mediado pelas relações sociais, culturais e ideológicas. No contexto do modo de produção capitalista, a ideologia neoliberal se apresenta como um conjunto de valores que orienta comportamentos, percepções e práticas, contribuindo para a reprodução da lógica do capital. Esses valores difundem a competição, o individualismo e a responsabilização do sujeito por seu sucesso ou fracasso, reforçando as desigualdades estruturais. A escola, inserida nessa realidade, muitas vezes atua como espaço de reprodução da ideologia dominante, embora também possa constituir-se como espaço de resistência e mediação de processos emancipatórios. A questão norteadora é: como os valores neoliberais influenciam a formação da subjetividade, colaborando para a manutenção do capitalismo?

Objetivo

Analisar de que forma os valores neoliberais influenciam a formação da subjetividade do sujeito, contribuindo para a manutenção e reprodução do modo de produção capitalista.

Material e Métodos

A pesquisa possui caráter qualitativo e fundamenta-se no método materialista histórico-dialético, adequado para compreender fenômenos sociais marcados por contradições e mediações. O procedimento metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica, realizada a partir de obras que discutem a formação da subjetividade, a crítica ao neoliberalismo e as funções sociais da escola. A análise se deu mediante leitura, seleção e sistematização de autores que discutem o tema sob a perspectiva da crítica marxista, permitindo articular conceitos e evidenciar como a ideologia neoliberal se insere nas práticas educativas e na constituição subjetiva do ser humano.

Resultados e Discussão

O neoliberalismo, o qual Harvey (2005) identifica como teoria das práticas político-econômicas, contribuiu para a disseminação de valores atrelados à classe dominante como forma de sua manutenção no poder. Os conceitos

propagados pelos intelectuais neoliberais — entre eles Friedrich von Hayek, Milton Friedman e Ludwig von Mises — nortearam as políticas econômicas e sociais, especialmente nos países de capitalismo periférico, influenciando diretamente o modo como os sujeitos se relacionam no trabalho, na igreja, no lazer e também na escola.

Nesse contexto, a educação institucionalizada adquire papel central, pois pode ser viabilizadora do desenvolvimento humano à medida que, por meio do ensino, as produções humanas são transmitidas às novas gerações. Dessa forma, a escola deve se caracterizar pela transmissão do conhecimento sistematizado, mediado pelo professor, que deve dominar o conhecimento científico necessário para possibilitar ao sujeito a apropriação dos bens culturais históricos e de seus significados de maneira internalizada e voltada para a prática social.

Contudo, essa função da escola não se realiza plenamente, uma vez que nem todos os sujeitos têm acesso a esses bens. Isso ocorre porque o neoliberalismo, como ideologia da classe dominante, propaga uma concepção de educação restrita, voltada apenas para aqueles considerados “esforçados”, isto é, sujeitos capazes de trabalhar muitas horas e estudar nos períodos restantes. Esses “esforçados”, segundo Mises (2015), são premiados pelo sistema capitalista, o qual “permite que a maioria dos 20% mais pobres da população tenham a chance de, em uma década, fazerem parte dos 20% mais ricos” (MISES, 2015, p. 15).

Essa lógica meritocrática reforça a competição como princípio regulador das relações sociais. O esforço do sujeito, portanto, não se limita à dedicação individual, mas se estende à necessidade de competir com o próximo. Na sociedade de mercado, os indivíduos são guiados por interesses individuais, já que essa forma de sociabilidade se organiza pela “concorrência no interior de uma complexa divisão social de trabalho” (MORAES, 2001, p. 24). Assim, o sujeito não percebe o outro como colaborador em seu processo de desenvolvimento, mas como adversário na luta pelos “benefícios” que o capitalismo promete oferecer.

Tais valores, difundidos socialmente, acabam sendo naturalizados e reproduzidos inclusive no espaço escolar. Dessa maneira, a educação contribui para a formação de subjetividades alinhadas aos princípios neoliberais.

A subjetividade, por sua vez, resulta de múltiplas relações sociais que se configuram em determinado momento histórico. Na sociedade capitalista conduzida pela ideologia neoliberal, essa formação tende a produzir comportamentos orientados por uma individualidade egoísta, em que o sujeito deixa de reconhecer o outro como promotor de seu desenvolvimento humano e passa a vê-lo como inimigo em busca de benefícios distribuídos de forma meritocrática.

A análise realizada evidenciou que tais valores — individualismo, meritocracia, competitividade e responsabilização individual — exercem forte influência na constituição da subjetividade. Eles deslocam para o indivíduo a responsabilidade pelo êxito ou fracasso, ocultando os determinantes sociais e estruturais da desigualdade. No espaço escolar, isso se reflete em práticas pedagógicas que priorizam o desempenho individual, a padronização e a avaliação quantitativa, em detrimento da formação integral.

Entretanto, reconhecer essas contradições permite vislumbrar alternativas. Os resultados também apontam que a compreensão crítica dos valores neoliberais pode abrir possibilidades de transformação. Ao reconhecer a ideologia neoliberal como condicionante da subjetividade, professores e pesquisadores podem pensar em práticas pedagógicas que promovam a formação omnilateral do ser humano, ampliando o horizonte de emancipação social.

Conclusão

Conclui-se que os valores neoliberais exercem influência decisiva na formação da subjetividade, reforçando a reprodução do modo de produção capitalista. Contudo, a escola, ao compreender criticamente esses processos, pode constituir-se como mediadora de práticas emancipatórias, promovendo a formação integral e superando a lógica restrita do capital.

Agência de Fomento

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Referências

BERNANDES, Maria Eliza Mattosinho. O desenvolvimento humano e a apropriação da cultura. In: BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da teoria histórico-cultural para o ensino e aprendizagem. 1. ed. Curitiba: CRV, 2012, p.28-77.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação e Contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Cortez, 1985.

DUARTE, Newton. Humanização e alienação. In: DUARTE, Newton. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

HARVEY, David. O neoliberalismo história e implicações. São Paulo: Loyola, 2005.124p.

HAYEK, Friedrich August von. O caminho da servidão. 5. ed. Rio de Janeiro:Vide Editorial, 2013. 221 p.

KONDER, Leandro. O que é dialética.28.ed. São Paulo: Brasiliense 2000.

LEONTIEV, A.N. Homem e a cultura. In: LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.p.256-284.

LOMBARDI, José Claudinei; DEMERVAL, Saviani; SANFELICE, José Luis (Org.). Capitalismo, trabalho e educação. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação. Campinas: Autores associados, Histedbr, 2002, p.61-73.

MARTINS, Lígia Marcia. Da concepção de homem à concepção de psiquismo. In: MARTINS, Lígia Marcia. A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano. 2.ed Campinas: Autores Associados LTDA, 2015, p. 30-74.

MARTINS, Lígia Marcia. A constituição histórico-social da subjetividade humana: contribuições para formação de professores. In:MILLER, Stela; BARBOSA, Maria Valeria; MENDONÇA, Sueli Guardalupe de Lima. (Orgs.). Educação e humanização:as perspectivas da teoria histórico-cultural. Jundiai: Paco editorial, 2014, p.97-111.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. In: